

Público	Periodicidade: Diário
06-12-2020	Classe: Informação Geral
	Âmbito: Nacional
	Página(s): 1,12

Hammerskins
PSP quis
arquivar ataque
que originou
investigação

Sociedade, 12

Sociedade Processo conta com 27 pessoas acusadas

PSP quis arquivar ataque que esteve na origem da investigação a Hammerskins

Em Novembro 2013, um jovem negro foi esfaqueado. O processo esteve parado na PSP, que quis arquivá-lo. O Ministério Público não aceitou e a investigação foi entregue à PJ, que identificou *skinhead* como agressor

Joana Gorção Henriques

Dia 3 de Novembro de 2013. Um agente da PSP é chamado à Estrada de Benfica, em Lisboa, porque um homem negro tinha sido esfaqueado em zonas vitais. Sangra tanto que o chão fica com manchas. Uma ambulância já ia a caminho. Inanimado, em estado grave, foi transportado para o Hospital de Santa Maria. A médica de serviço registou que tinha dois golpes no tórax, dois golpes no abdómen, vários golpes nos braços e nas pernas. Estado? Grave.

A PSP não consegue saber quem é a vítima. Nessa noite, a testemunha Maria (nome fictício) está a dormir quando, pelas 6h, é acordada por homens a gritar "foge". Vai à janela e vê, de facto, homens em fuga num carro cinzento. Calcula que tenham entre 25 e 30 anos. De outra janela Maria vê o corpo caído no chão, com o braço no ar, a pedir ajuda. Chama o 112. Alguns agentes ficam junto ao local do crime para que sejam recolhidos vestígios de sangue. No dia seguinte, conseguem identificar Wilson, jovem angolano nascido em 1987, morador em Benfica.

A 9 de Novembro um aditamento da PSP diz que foram enviados os vestígios biológicos para o Laboratório de Polícia Científica no âmbito de um crime de "ofensas à integridade física". Os dados indicavam tentativa de homicídio por causa dos golpes em zonas vitais do corpo. A PSP teria de ter notificado a ocorrência à PJ, mas não o fez, nota fonte ouvida pelo PÚBLICO.

Duas semanas depois, o Departamento de Investigação e Acção Penal de Lisboa (DIAP) pede à PSP informações sobre o estado de saúde do jovem. Fracturas, feridas no tórax, múltiplas lacerações do membro superior esquerdo, no antebraço e mão esquerda, várias feridas. Wilson recebe alta do hospital com baixa por doença por 60 dias, 30 dias de afectação da capacidade de trabalho geral e de trabalho profissional. Consequências permanentes: consolidação óssea de fractura do arco costal e cicatrizes na pele.

A PSP tenta localizar Wilson por diversas vezes. Em Março de 2014 propõe, em relatório final, que o inquérito seja encerrado, mesmo com as provas recolhidas. O DIAP não aceita. Manda que a PSP prosiga a investigação. Em Agosto de



NUNO FERREIRA SANTOS



MIGUEL MARQUES

Presume-se que dos crimes alegadamente praticados pelos 27 acusados tenham resultado pelo menos 18 vítimas

Cronologicamente, este é o primeiro acto violento que aparece descrito no despacho de acusação

2014, depois de notificar Wilson, a PSP refere que ele não aparece. O DIAP passa-lhe uma multa por não comparência.

Quase um ano e meio depois do crime, em Janeiro de 2015, Wilson é ouvido pelo DIAP. Conta ao DIAP e depois à PJ: a 3 de Novembro de 2013 voltava para casa de autocarro depois de uma noite no Bairro Alto. Desceu na Estrada de Benfica. De um carro com quatro homens brancos de cabeça rapada dizem-lhe: "Tens a mania que és engraçado." O condutor agarra numa chave de desatparar as rodas dos carros. Wilson

começa a correr. Só se lembra de sentir as pernas sem força e de cair. Não percebe quem o agride. Levanta-se e atravessa a rua. Encosta-se a uma parede já a sangrar por causa das facadas que tinha levado na coxa esquerda. É agredido com violência com a chave; tenta proteger a cara e a cabeça. Leva as facadas no abdómen e no tórax. Tenta levantar-se mas acaba por cair. "Não sabe porque o agrediram, não teve nenhuma troca de palavras com ninguém durante a noite que viesse provocar tal situação", lê-se no processo.

Wilson não apresentou queixa com medo de represálias e não queria agir criminalmente. Naquele altura salienta que só está a prestar declarações porque não tem meios para pagar a multa.

Em busca do grupo

Uma outra procuradora agarra no processo e a 12 de Junho de 2015 remete para a PJ a prova recolhida (os vestígios biológicos) e pede que se verifique se existe algum grupo a actuar da forma que Wilson descreveu. Quatro dias depois, a PJ responde que o material enviado pela PSP em Novembro de 2013 carecia de pedido de pericia sufragado pelo Ministério Público. A PJ prossegue então à análise.

Em Julho de 2015, a mesma procuradora avalia: os factos podem integrar a prática de crime de ofensa à integridade física grave ou tentativa de homicídio e delega investigação na PJ. Wilson reconhece na PJ "sem qualquer dúvida" o autor das facadas; já o tinha visto, sabia que pertencia aos *skinheads*, algo que não dissera antes às autoridades por medo de represálias. Mesmo depois das agressões viu o arguido em vários locais, acompanhado de outros *skinheads*. Temia voltar a ser agredido.

Crimes homofóbicos

Era Alexandre Silva, nascido em 1995, residente em Benfica – a 1,4km do local onde Wilson fora atacado –, identificado como alguém que perflha ideologia de extrema-direita. Cronologicamente, este caso é o primeiro do megaprocesso em que 27 homens foram acusados em Junho por crimes ligados a ideologia de extrema-direita e supremacia branca. Entre a data da ocorrência do crime, a 3 de Novembro de 2013, e Julho de 2015 – em que é finalmente entregue à PJ –, não se sabe quantos mais crimes terá praticado. A investigação enumerou mais dois.

A 17 de Janeiro de 2015, o mesmo Alexandre Silva é acusado de agredir violentamente, num bar na Praça da Alegria, um homossexual, chamando-lhe, e a outros, "paneleiros e bichas". A 6 de Fevereiro de 2015 desferiu uma pancada na cabeça com uma garrafa a um homem que tinha sido namorado da namorada de um Hammerskin. Nas buscas em 2016, a PJ encontra em sua casa um bastão em madeira; literatura e material de propaganda alusivos à causa nacionalista.

Alexandre Silva era um *prospect*, isto é, candidato a Hammerskin. A Hammerskin Nation é "o mais violento e mais organizado grupo de extrema-direita", e tem origem nos Estados Unidos, e a facção portuguesa, Portugal Hammerskins, foi formada em 29 de Janeiro de 2005, segundo o despacho de acusação do MP. O MP acusa Alexandre Silva dos crimes de discriminação racial e sexual, tentativa de homicídio qualificado e ofensas à integridade física graves.

Os crimes de que são acusados os 27 homens terão resultado em, pelo menos, 18 vítimas.